



Revista Estudos Feministas

ISSN: 0104-026X

ref@cfh.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina
Brasil

PLAZA PINTO, JOANA
SOBRE DISCURSO FEMINISTA EM PUBLICAÇÕES: A POLÍTICA DO GRUPO TRANSAS DO
CORPO

Revista Estudos Feministas, vol. 12, septiembre-diciembre, 2004, pp. 106-114

Universidade Federal de Santa Catarina
Santa Catarina, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38114353012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

SOBRE DISCURSO FEMINISTA EM PUBLICAÇÕES: A POLÍTICA DO GRUPO TRANSAS DO CORPO

JOANA PLAZA PINTO

Universidade Federal de Goiás

Resumo: *Uma sociedade não produz uma única forma de ver a realidade. Dividida pelos interesses antagônicos dos diferentes grupos, uma sociedade produz discursos contrários entre si. Mas há alguns que predominam sobre seus contrários numa dada época, refletindo os interesses de grupos dominantes: os discursos hegemônicos. As contrapartes antagônicas desses discursos dominantes são fortemente submetidas a formas de controle e conjuradas para se passarem por enfraquecidas. Cientes desse jogo discursivo de poder, os discursos feministas proliferam sua discussão sobre a problemática de gênero, defendendo uma sociedade plural, justa e solidária, sem contudo se deixar classificar dentro de alguma tipologia normatizadora. O Grupo Transas do Corpo, ONG feminista brasileira, busca tornar visível cada vez mais a diversidade discursiva feminista e promover a voz das mulheres no campo de discurso público. Para isso, identificou a necessidade de criar espaços de produção de textos de mulheres, de forma a criar e fortalecer a capacidade de letramento das mulheres no contexto das tecnologias de escrita contemporâneas. Para atender a esses objetivos, o Transas elaborou uma política de publicações.*

Palavras-chave: discurso; discurso feminista; tipologia de discurso; política comunicacional.

[...] inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades. Mas o que há enfim de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos se proliferarem indefinidamente? (Michel Foucault)¹

Apresentação

Para debater o tema do discurso feminista em publicações a partir da experiência do Grupo Transas do Corpo² seguirei aqui um caminho com três paradas, convergentes para um só ponto de chegada. Relativamente abreviado neste pequeno espaço, esse caminho não está traçado previamente, e o mapa final que este texto possa apontar nada mais será que um indicativo de razões para inquietações.

A primeira parada localiza-se no campo conceitual do discurso. Lendo sobre alguns conceitos foucaultianos sobre análise do discurso,³ procurou-se problematizar a idéia de

uma certa tipologia do discurso presente na expressão “discurso feminista”. Numa segunda parada, discute-se um pouco as tecnologias da escrita como redes de poder, procurando explicitar algumas implicações da idéia de “publicações feministas”. A terceira e última parada se localiza na experiência concreta do Grupo Transas do Corpo, ONG feminista que há dezesseis anos vem atuando como divulgadora do que poderíamos nomear *a priori* como um discurso feminista, atualmente explorando as potencialidades desse discurso articulado no espaço da escrita pública. Espera-se que a convergência do ponto de chegada dessas três paradas possa ser, não um final de jornada, mas uma abertura para mais percursos inquietantes.

Discurso feminista: “você é um tipo que não tem tipo”?

Todo discurso é um pronunciamento sobre uma dada realidade. Ao fazer esse pronunciamento, o produtor do discurso trabalha com as idéias de seu tempo e da sociedade em que vive. No entanto, uma sociedade não produz uma única forma de ver a realidade. Como ela é dividida pelos interesses antagônicos dos diferentes grupos sociais, produz discursos contrários entre si. Por exemplo, a mesma sociedade que produz discursos sexistas produz também discursos não-sexistas.

Mas deve-se notar que há alguns discursos que predominam sobre seus contrários numa determinada época. Eles refletem os interesses dos grupos sociais dominantes: são os discursos hegemônicos. As contrapartes antagônicas desses discursos dominantes costumam estar fortemente submetidas a diversas formas de controle e conjuradas para se passar por enfraquecidas em seu poder de mudança. Sobre isso, afirma Foucault:

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.⁴

Ao se falar em discurso feminista deve-se pensar inicialmente em definir parâmetros dos limites que dividiriam seqüências discursivas em diferentes tipos: por exemplo, discurso machista, discurso sexista, discurso homofóbico, discurso pedagógico, discurso estatal, discurso religioso. Cada um dos adjetivos que compõem os exemplos instaura campos diversos de significado. Sendo o sentido produzido somente pelo discurso, não possibilitando qualquer aspecto inerente à língua ou ponto estável de significado, a opacidade da linguagem torna-se patente e evidencia também os limites diluídos entre os tipos de discurso. Como diferenciar um discurso estatal de um discurso pedagógico? Ou um discurso machista de um discurso homofóbico? Onde os limites entre discursos tornam-se tênues e por quê? Num raciocínio maniqueísta, a pergunta poderia ser: quem fala conosco, e quem fala contra nós?

Como, então, definir os critérios de identificação do discurso feminista? Eni P. Orlandi⁵ propõe critérios para a eficácia da estruturação de tipologias na análise do discurso. Um deles é institucional: os discursos poderiam assim ser classificados conforme as normas de organização das instituições que os sustentam. Daí se pensar em discurso pedagógico, relativo à instituição escolar; em discurso jurídico, relativo ao poder jurídico; etc.

A partir do critério institucional, é possível pensar num tipo de discurso feminista originado em instituições auto-intituladas feministas, como ONGs, grupos, redes, ou núcleos de pesquisas. Essa noção institucional de discurso feminista de fato daria uma forma específica a esse discurso, que poderia, então, ser identificado na materialidade das práticas discursivas, escritas ou orais, das pessoas que fazem parte dessas instituições.

Por outro lado, um critério possível e necessário de se levar em conta é o recorte dos discursos pelos limites dos seus efeitos de sentido. Todo sentido é relação a alguma coisa. Seu funcionamento é estruturado pelas relações de poder, pelas próprias relações de sentido e pelas antecipações efetivadas no discurso. Também a ideologia integra esta produção, direcionando não só o que o sujeito não pode dizer, mas principalmente o que ele deve dizer para significar. Percebendo o tipo de efeito de sentido que funciona em determinado discurso, seria possível delimitar seu alcance e utilizar esse limite como divisor dos tipos de discurso.

Interpretar com exatidão os textos e compreender seus mecanismos de estruturação para além dos níveis lingüísticos tradicionais converge em preocupações para o entendimento dos processos ideológicos no discurso. Conforme Pêcheux (1969): “[...] a questão que a lingüística teve que deixar de responder continua a se colocar, motivada por interesses a um só tempo teóricos e práticos: ‘o que quer dizer este texto?’; ‘que significação contém este texto?’; ‘em que o sentido deste texto difere daquele de tal outro texto?’”⁶

De uma maneira geral, essas questões estão relacionadas com as condições de produção da língua, ou seja, tratam do discurso, da “[...] linguagem apenas na medida que esta faz sentido para sujeitos inscritos em estratégias de interlocução, em posições sociais ou em conjunturas históricas”.⁷ Essa definição não é acompanhada de soluções práticas, e, efetivamente, são outras – e talvez mais – as perguntas que resistem: como escolher adequadamente os parâmetros de recortes do discurso? Como avaliar o momento e a forma de utilizar uma teoria não-lingüística; os critérios não são ainda muito subjetivos – “acho que esse é um problema político, ou sociológico”?

Le sens d'un mot, d'une expression, d'une proposition, etc., n'existe pas 'en soi-même' (c'est-à-dire dans son rapport transparent à la littéralité du signifiant), mais est déterminé par les positions idéologiques mises en jeu dans le processus social-historiques où mots, expressions et propositions sont produits (c'est-à-dire reproduits). On pourrait résumer cette thèse en disant: les mots, expressions, propositions, etc., changent de sens selon les positions tenues par ceux qui les emploient, ce qui signifie qu'ils prennent leur sens en référence à ces positions.⁸

[...] chaque 'genre' [suppose] un contrat spécifique par le rituel qu'il définit [...] De plus, un même texte se trouve en général à l'intersection de multiples genres.⁹

Estes dois trechos integram uma possível posição assumida para a compreensão do funcionamento de um texto e da construção de seu sentido.¹⁰ Que efeitos de sentido queremos produzir com um ‘discurso feminista’? O que é passível de ser incluído no tipo discursivo definido como feminista? Se alguém usa a expressão ‘gênero’ como equivalente a ‘sexo’, devemos descartá-lo como não-feminista? Se alguém defende a igualdade entre homens e mulheres, mas usa ‘diferença natural’ para justificar práticas femininas, devemos ou não descartar seu discurso do discurso feminista?

Não acredito que seja possível responder honestamente a essas perguntas sem estar ao mesmo tempo delimitando identidades, o que politicamente considera-se pouco eficaz. Assim, assumindo minha posição, proponho aqui que um discurso feminista seja entendido como sentidos produzidos por posições ideológicas colocadas em jogo na luta contra as desigualdades entre homens e mulheres. “A língua é uma bandeira, não um fato”.¹¹ Ora, um discurso feminista pode ser tratado como uma bandeira de empoderamento das mulheres, pois explicita os mecanismos lingüísticos que perpetuam a desigualdade das relações entre homens e mulheres, e ao mesmo tempo produz saberes e propostas para evidenciar e evitar as práticas e os discursos sexistas.¹²

Nos rituais de produção do discurso feminista, é comum observar como a questão da linguagem se faz presente no enfrentamento de problemas para a igualdade de direitos. Descrever, comparar, analisar, discursos sexistas que se materializam nas mais diversas circunstâncias, na escola, em casa, no trabalho, é produzir um discurso feminista. Neste ponto, vale frisar que as intersecções entre diversos discursos – médico, sociológico, educativo, filosófico, etc. – são fundamentais para a consolidação do discurso feminista. Sua força está justamente no fato de ser um tipo de discurso que não tem tipo, que se utiliza de diversos campos de saberes para expor as contradições dos discursos hegemônicos sobre sexualidade, identidades, políticas públicas, etc.

Assim, o discurso feminista pode ser identificado sem dúvida como um discurso institucional (e acredito que muitas, se não todas, as pessoas neste encontro foram identificadas e convidadas pela sua vinculação institucional), que opera palavras, expressões, proposições para colocar em jogo a igualdade entre homens e mulheres. Mas, ele também se pulveriza em efeitos de sentido que produzem a qualidade, e talvez a peculiaridade, de sua força, articulando saberes diversos, eu diria mesmo posições ideológicas diversas, na subversão de uma ordem clássica do discurso fechado em si mesmo numa tipologia.

Publicar para quê? Algumas direções para a definição de uma política

Um dos temas reconhecidos como integrantes de discursos feministas é a democratização dos saberes. O acesso ao conhecimento deve ser promovido, não somente através da existência de recursos materiais, mas sobretudo através do empoderamento dos sujeitos para apropriação afirmativa do conhecimento, promovendo a leitura crítica, a reflexão e a produção. A exposição de certos discursos (médico, acadêmico, filosófico, etc.) a outros discursos (militante, rural) serve claramente para agravar e estender as possibilidades de contestação. O caminho para o desenvolvimento da cidadania passa diretamente pelo acesso a bens culturais. Na era do conhecimento, a cultura, no sentido de conhecimento acumulado, é o capital mais importante de qualquer nação ou pessoa:

A escrita foi e é, na história da civilização ocidental, condição do desenvolvimento científico e tecnológico, da organização do espaço e da gestão pública, do estabelecimento de regras e princípios de cidadania. [...] Não se pensa possível, hoje, a democracia sem letramento, sem circulação de informação. Não se imagina a justiça sem as letras. Saber e poder ler e escrever é uma condição tão básica de participação na vida econômica, cultural e política que a escola se tornou um direito fundamental do ser humano, assim como a saúde, moradia e emprego.¹³

Em dezembro de 2002, no contexto da oficina de planejamento estratégico do Grupo Transas do Corpo, para o período de 2003-2004, identificamos como uma deficiência presente, detectada na observação e na qualificação dos nossos trabalhos no Transas, a desqualificação das mulheres, mesmo das mulheres feministas, para a apropriação das tecnologias discursivas no jogo das relações de poder. Traduzindo em miúdos, as nossas intervenções, até então, foram caracterizadas como insuficientes para colaborar com o aumento do discurso público das mulheres, seja via produção de textos (escrita), seja via apropriação de textos diversos (leitura), seja via fala pública organizada (discurso ou intervenções públicas orais). Essa observação foi possível também a partir das conclusões de uma pesquisa, quando investiguei as estilizações das identidades de gênero no discurso

sobre linguagem, percebendo, a partir de análise qualitativa de entrevistas de longa duração com mulheres e homens, jovens universitários, que as estilizações de gênero organizam identidades plurais, mas, ao mesmo tempo, organizam identidades bipolares opostas pela obrigação/embargo da prática da violência lingüística. Ou seja, diferenças de gênero organizam desigualdades na apropriação do discurso, seja escrito ou oral.

Sendo assim, publicações feministas, se as entendemos como produzidas por mulheres, pelo menos em sua maioria avassaladora, são espaços discursivos fundamentais para o exercício do poder pelas próprias mulheres. Escrever, ler, refletir a partir das tecnologias da escrita deve integrar uma política de publicações de discursos feministas porque é preciso que as mulheres escrevam, leiam e reflitam, se queremos que elas sejam capazes de se mover nas redes de poder da nossa sociedade ocidental.

A escrita como exercício pessoal praticado por si e para si é uma arte da verdade contrastiva; ou, mais precisamente, uma maneira reflectida de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam o seu uso.¹⁴

Se seguimos esse trecho de Foucault, percebemos que a escrita, como a leitura, pode permitir, em circunstância de democratização dos saberes, que o contraste entre discursos favoreça o deslocamento de uma autoridade tradicional (o já dito) na singularidade de uma apropriação única, que, por efetuar o ato da escrita ou da leitura, já produz efeitos de sentido novos, inesperados, e, quem sabe, subversivos. Mas, apesar da importância que atribuo às tecnologias de escrita nas relações de poder, não posso deixar que concordar que:

É preciso reconhecer que, se a escrita está na base da organização social, isto não quer dizer que basta saber ler e escrever para poder viver neste lugar. A educação, em particular a educação escolar, tem sido, para a maioria das pessoas, muito mais uma imposição de sobrevivência do que o exercício do poder ou uma forma de indagar o mundo. Além da simples capacidade de ler, estão as formas de inserção das pessoas no tecido social e a distribuição da riqueza econômica e dos bens culturais. Isto implica, entre outras coisas, a possibilidade de, lendo ou dizendo no espaço escrito, exercer o poder e o controle dos processos de fabricação da vida. Daí a importância do alerta que faz Paulo Freire da ingenuidade que é imaginar que se constrói uma sociedade justa apenas letrando a gente. Não há justiça possível sem transformação nas relações de poder.¹⁵

As mulheres devem participar ativamente da produção de publicações feministas, não somente para divulgar o discurso feminista, mas também e principalmente para que elas mesmas se aproximem das contradições dos discursos hegemônicos e das redes de poder que sustentam as tecnologias da escrita que divulgam tais discursos. No entanto, acreditamos que essa participação não deve ser desvinculada de outras práticas de poder, como cursos de formação, articulação política, acesso à saúde e educação de qualidade e gratuita, etc.

Tendo isso em vista, acredito que o feminismo tenha muito o que colaborar no campo do letramento. Uma metodologia participativa, que defenda princípios de igualdade, e que ao mesmo tempo explicita as relações de poder, enfrentando constantemente os conflitos das estilísticas dos corpos no exercício da vida, é sem dúvida uma metodologia que pode desvelar o espaço do letramento como espaço de poder para os corpos e colaborar para refletir sobre e até mesmo reverter a delicada situação das mulheres diante das tecnologias discursivas.

Questões políticas para uma tipologia? O caso do Grupo Transas do Corpo

Depois de atuar mais de quinze anos oferecendo formações para profissionais de saúde e educação, assessorias a organizações governamentais e não-governamentais e mesmo atendimento direto ao público em sua sede, o Grupo Transas do Corpo já desempenha papel de referência local como articulador e divulgador de políticas feministas. Esse papel tem sido desempenhado com a promoção de eventos, a oferta de cursos, o acompanhamento de pesquisas e a disponibilização de documentos. Portanto, uma atuação de contato direto com o público, em seminários, cursos ou na sede do grupo, tem-se mostrado eficiente na busca de mudança das práticas sociais no que diz respeito às desigualdades de gênero. Entretanto, para seguir e fortalecer o impacto dessas atuações, o Grupo Transas do Corpo tem sentido sempre a necessidade de fazê-las se acompanharem de material impresso de divulgação dos eventos e de material educativo para os cursos. Além dessa necessidade criada pelos eventos e cursos, o Grupo Transas do Corpo tem sentido cada vez mais necessidade de criar e efetivar recursos lingüísticos que proliferem o discurso feminista.

Cientes do jogo discursivo de poder, muitos grupos procuram fazer proliferar seus discursos contrários ao dominante com interesse de que, alterando a estrutura de poder presente no discurso, seja possível também alterar a estrutura de poder presente na prática social. É assim que age o Grupo Transas do Corpo, na medida em que procura fazer proliferar um discurso que enfatiza a problemática de gênero e defende uma sociedade verdadeiramente democrática pluralista, na qual seja possível exercer o direito básico da cidadania.

Entre os vários recursos utilizados por esta ONG para atingir o objetivo de fazer surgir, no âmbito da saúde e da sexualidade, um discurso não-sexista socialmente relevante, está a produção de reflexões escritas. A equipe técnica do Grupo Transas do Corpo tem produzido, ao longo de seus 16 anos, material escrito representativo de seu trabalho, registrando reflexões importantes sobre suas temáticas proporcionadas pela sua praxis feminista e pelos estudos realizados para cursos e pesquisas. Até agosto de 2000, vários textos foram produzidos, ainda que com demanda e frequência assistemáticas, todos relacionados à história das preocupações com a saúde da mulher, a sexualidade e a problemática de gênero. Essa produção, inicialmente esparsa e diversa, foi-se tornando cada vez mais sistemática, estimulando a equipe técnica do grupo a registrar e organizar aprofundadamente as idéias que vão surgindo e amadurecendo no decorrer de seus trabalhos.

Publicação de material já existente e criação de mecanismos para a continuação dessa produção e de sua publicação, como textos de resenhas de filmes e de livros e relatórios analíticos, são algumas das formas que encontramos para organizar nossa produção escrita. Os relatórios de eventos têm sido preparados e ordenados para servir de base para publicações mais acessíveis. É o caso da cartilha *Capacitando lideranças femininas para o enfrentamento das DST/AIDS*, que foi produzida a partir do relatório do curso com o mesmo nome. Estão no prelo outras duas publicações, frutos desse mesmo tipo de sistematização, uma sobre avaliação institucional, e outra com textos teóricos e relatos de experiências apresentados no Seminário Gênero, Educação e Pobreza, ocorrido em 2001.

Entre outros recursos, já foi elaborado e produzido o boletim *Fazendo Gênero*, que, firmou sua periodização quadrimestral, completou sete anos e acaba de editar seu 18º número. Tendo em vista a escassez de recursos, consideramos esse quadro como uma grande vitória. O catálogo de vídeos disponíveis no acervo do CEI (Centro de Estudos e Informação), compreendido pela biblioteca, videoteca e hemeroteca do grupo, é outro

recurso utilizado para facilitar e estimular a presença do público na sede do grupo. A página eletrônica a respeito do grupo na Internet é mais um recurso que projeta as práticas e o discurso produzido e desenvolvido pelo Grupo Transas do Corpo para o Brasil e o mundo, pois, além de disponibilizar informações sobre o grupo, procura incluir textos variados, como relatos de eventos, resenhas, relatórios de pesquisas, dissertações e teses produzidas por integrantes da equipe, ou mesmo ensaios curtos.

Todo esse trabalho com material lingüístico, em formatos impresso e eletrônico, tem-se mostrado eficiente. A importância desse trabalho requer uma organização e sistematização de seus recursos, de forma a aumentar o aproveitamento de seus efeitos, ou seja, aproximar o público do trabalho e do discurso proferido pelo Grupo Transas do Corpo.

Estes resultados nos fizeram elaborar uma política para ações interventivas no campo da comunicação, tendo em vista uma política de fortalecimento da materialidade do discurso feminista. Entenda-se aqui a expressão campo da comunicação como abrangendo a produção e divulgação do conhecimento produzido pela atuação do Grupo Transas do Corpo, de modo que seu discurso pluralista e não-sexista chegue a um número cada vez maior de pessoas.

Conforme apontadas nas seções anteriores, duas necessidades direcionam nossa política: por um lado, precisamos fortalecer a materialidade do discurso feminista em nossa sociedade, proporcionando às pessoas que interagem conosco uma forma concreta de exposição de idéias; ao mesmo tempo, identificamos a necessidade de criar espaços de produção de textos de mulheres, de forma a criar e fortalecer a capacidade de letramento das mulheres no contexto das tecnologias de escrita contemporânea. Para atender a essas necessidades, elaboramos quatro linhas de produtos: 1) publicações de grande circulação, com textos da equipe técnica e de outras mulheres convidadas, como o boletim *Fazendo Gênero*; 2) publicações eletrônicas através da nossa página www.transasdocorpo.com.br; 3) publicações de experiências educativas em formato de cartilhas; 4) publicações em formato de livro de reflexões teórico-metodológicas.

A primeira linha é a tradição mais antiga do Transas, e acredito que de todo o movimento de mulheres, e temos larga experiência em produção de folderes e boletins, de grande impacto e linguagem acessível. A segunda linha foi implementada com eficácia há mais de um ano, e melhorou seu impacto nos últimos oito meses, com a contratação de uma profissional especializada em websites, mantendo nosso site atualizado e, com isso, nos estimulando a produzir para alimentá-lo. A terceira linha foi inaugurada esse ano, com a cartilha citada, e tem mais três publicações programadas para o próximo ano: uma cartilha sobre o nosso trabalho com adolescentes, outra sobre a avaliação institucional (já citada), e outra sobre as experiências de formação feminista do período 2002-2003. Por fim, a quarta linha, ainda que com uma publicação no prelo, ainda é nossa grande inquietação e profícuo desafio. Uma feminista precisa de teoria?, perguntaria Andrea Nye¹⁶. Acreditamos que sim, e mais que isso, a teoria precisa ser subvertida de seu lugar acadêmico para os campos controversos da militância, das ações educativas e das práticas institucionais, num movimento de aproximação cada vez maior em direção à democratização radical do saber, tanto para quem lê quanto para quem escreve.

Notas

Copyright © 2004 by Revista Estudos Feministas.

¹ Michel FOUCAULT, 1996, p. 7-8.

² O Grupo Transas do Corpo é uma organização da sociedade civil, fundada em 1987, em Goiânia, Goiás, e tem por missão construir uma sociedade baseada em princípios feministas de pluralidade, justiça e

solidariedade, através de ações educativas em Gênero, saúde e sexualidade. Tem atuado prioritariamente através de ações de formação, articulação política, e pesquisas e publicações. Para maiores informações sobre o Grupo, visite: www.transasdocorpo.com.br.

³ FOUCAULT, 1996; Dominique MAINGUENEAU, 1987; Denise MALDIDIER, 1994; Michel PÊCHEUX, 1990, 1988; Sírio POSSENTI, 1988.

⁴ FOUCAULT, 1996, p. 8-9.

⁵ Eni P. ORLANDI, 1994.

⁶ PÊCHEUX, 1969, p. 62-63.

⁷ MAINGUENEAU, 1993, p. 11-12.

⁸ PÊCHEUX, 1990, 225. O *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe por si mesmo (ou seja, em sua relação transparente com a literalidade do significante – se é que se pode utilizar essa expressão), mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico onde palavras, expressões e proposições são produzidas (quer dizer, reproduzidas). Poder-se-ia resumir essa tese dizendo: *palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições tomadas por aqueles que as utilizam*, o que significa que eles tomam seu sentido em referência a essas posições. [Tradução livre].

⁹ MAINGUENEAU, 1987, p.23-24. [...] cada 'gênero' supondo um contrato específico pelo ritual que ele define [...] todavia, um mesmo texto se acha em geral na interseção de múltiplos gêneros. [Tradução livre].

¹⁰ Não escrevo *sentidos* porque parto do princípio de que não existe *sentido*, o que quer dizer que todo *sentido* é plural, sendo dispensável então a redundância do plural morfológico (ainda que se mostre necessário este pequeno esclarecimento).

¹¹ Kanavilli RAJAGOPALAN, 1999, p. 1.

¹² cf. PROMUJER, 1992.

¹³ Associação de Leitura do Brasil, 2003, p. 1.

¹⁴ FOUCAULT, 1997, p. 141.

¹⁵ Associação de Leitura do Brasil, 2003, p. 2.

¹⁶ Andréa NYE, 1995.

Referências

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Leitura. *Congresso de Leitura do Brasil*, Apresentação do 14. [<http://www.alb.com.br/COLE14/index.htm> Acessado em 12 de agosto de 2003].

FOUCAULT, Michel. "A escrita de si". In: _____. *O que é um autor?* 3ª ed. [s.l.]: Passagens, 1997. p. 127-160.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 1996. (Leituras filosóficas). GRUPO Transas do Corpo. *Capacitando lideranças femininas para o enfrentamento das DST/AIDS*. Goiânia: Grupo Transas do Corpo, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. *Nouvelles tendances en analyse du discours*. Paris: Hachette, 1987.

MALDIDIER, Denise. "Elementos para uma História da Análise do Discurso na França". In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *Gestos de leitura*. Da história no discurso. Campinas: Unicamp, 1994. p. 15-28.

NYE, Andrea. *Teoria feminista e as filosofias do homem*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1995.

ORLANDI, Eni Puccinelli. "A natureza e os dados". *Cadernos de EstudosLingüísticos*. Campinas, n. 27, p. 47-57, 1994.

PÊCHEUX, Michel. "Análise automática do discurso". In: GADET, François; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. 2ª ed. Campinas: Unicamp, 1997. p. 61-161.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso*. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio. Campinas: Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, Michel. Les vérités de la Palice. In: *L'inquiétude du discours*. Textes de M. Pêcheux choisis et présentés par Denise Maldidier. Paris: Éditions de Cendres, 1990. p. 175-244.

POSSENTI, Sírio. *Discurso, Estilo e Subjetividade*. São Paulo: Martins Pontes, 1988.

PROMUJER. *Hacia un currículo no sexista*. Cayey: UPR, 1992.

JOANA PLAZA PINTO

RAJAGOPALAN, Kanavillil. "Linguagem e ética". Comunicação Oral apresentada no II Congresso Nacional da ABRALIN, 1999.

About Feminist Discourse in Publications: Grupo Transas do Corpo's Politics.

Abstract: A society doesn't yield a only way to see reality. Divided between antagonistic interests of unequal groups, a society yield discourses in contrast and opposites. However there are some discourses that surpass yours antagonistic in your age, reproducing governing groups interests: the hegemoniacal groups. The antagonistic opponent of these governing groups are strongly submit to regulations and render void of power. Aware of these discursive game of power, feminist discourse proliferate yours ideas about gender trouble, supporting a plural, fair and reciprocal society, although it don't go in on a standard interpretation of discourses types. Transas do Corpo Group, Brazilian feminist NGO, try to make apparent more and more the unlikeness of feminist discourse, and promote female voice in public discourse. For that, they recognize to stand in need of create women's text production spaces, in such wise as to found and encourage women's literacy in our context of writing technologies. Therefore, Transas do Corpo Groups work out in detail a publishing policy.

Keywords: discourse; feminist discourse; discourse typology; communicational policy